

dança no regime institucional fora mero prelúdio, e dos que temiam essa ampliação. A primeira corrente agrupou-se logo em torno de Floriano; a segunda encontrou sua base nos fazendeiros de café, interessados na derrocada da monarquia, na conquista e pleno domínio do aparelho de Estado, para preservar os seus interesses, que começavam a ser ameaçados. Não estava de acordo com reformas: queria uma República de fachada, uma espécie de monarquia sem sucessão hereditária, — a continuação do passado, na essência, mudados os homens, e nem todos. Porque, cedo, ante o impulso para as reformas, compor-se-ia com as velhas forças, afastadas em 1889, significando a continuação do latifúndio como força predominante. República, como expressão de ascensão burguesa, e latifúndio, como expressão de velhas relações de produção, as coloniais, embora já atenuadas com a liquidação do escravismo, eram antagônicas. A República tinha de ser, por isso, uma coisa de vitrine, formal, vistosa, aparente. Contra isso lutavam, desorganizadamente, os que a pretendiam em estado de pureza, supondo alguns, como Rui, que isso dependia apenas de boas leis e do respeito que inspirassem essas leis; e outros supondo que isso dependia de medidas práticas, de reformas profundas. Não havia, evidentemente, condições para tais reformas, aliás vagamente enunciadas: a vida política, apesar do que dispunha a nova Constituição, em suas formais franquias democráticas, cobria apenas as classes e camadas superiores. Não havia proletariado organizado e participante; no campo, reinava a servidão. Na classe média, desse modo, repousava o ímpeto reformista. Cindida, como acontece com frequência, dilacerava-se em choques repetidos. Uma fraca burguesia, que encontrara amplas perspectivas no novo regime — que, em suma, foi sempre, no mundo, o seu regime — não tinha forças para ir além. Os republicanos dividiram-se, pois, e o divisor foi o governo de Floriano, em torno do qual rondavam e se desencadeariam logo as tempestades. A imprensa refletiu claramente esse quadro: o florianismo empolgou parte dos militares, parte dos intelectuais — parte da imprensa: a classe média precoce, relativamente antiga e peça principal das lutas políticas do país de há muito.

Já a sua ascensão despertou atritos. Como o *Jornal do Brasil* fosse acusado de não ter protestado contra determinada violência, como fizera *O Brasil*, José Veríssimo esclareceria, em carta a Luís Rodolfo Cavalcanti: “ao *Brasil* era fácil fazer o que fez; ao *Jornal do Brasil* não, pois representa interesses muito mais avultados do que aquele”. Isto é, o pequeno jornal tinha, e tem, possibilidades de independência que o grande jornal não tinha, e não tem; aquele é transitório, este tende à permanência; aquele é obra de poucos, este é já coletividade estruturada, com desenvolvida divi-